

CURSO – MEDICINA/USP



Ana Luisa Ito Baptista da Cruz

“Medicina é um caminho difícil, mas se esse é o seu sonho, você vai virar a pessoa que quer ser”

Ana Luisa Ito Baptista da Cruz saiu do colégio e entrou na Pinheiros, onde está hoje no 6º e último ano do curso de Medicina. Agora faz o Internato e prepara-se para o exame de Residência, que pretende prestar no Hospital das Clínicas e no Hospital São Paulo. Sempre empenhada em aprender, aqui ela descreve seus estudos no colégio, bem como sua formação na faculdade e todas as atividades que fez e faz lá.

JC – Como foi a escolha pela Medicina?

Ana Luisa – Meus pais são médicos. Quando eu era criança, só tinha uma certeza na vida: não ia fazer Medicina. No 9º ano, não sabia o que queria fazer. Sempre gostei muito de ler e aqui no Etapa, no 1º ano, estava em dúvida entre Letras ou alguma coisa na área da saúde.

E como decidiu?

Conheci uma professora de Biologia que era sensacional, a Roseli. Ela tinha tal amor pela matéria que eu falei: “É isso, preciso dessa paixão, desse amor!”. Teve também a influência de meus pais e escolhi Medicina no 2º ano.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei Unifesp, Unicamp e Unesp. Passei direto em todos. Fiz o Enem também.

Você chegou a ficar em dúvida entre os cursos para os quais foi aprovada?

Estava na dúvida. Meu pai fez Paulista, eu conhecia muito a escola, fica ao lado de minha casa.

Você optou pela Pinheiros. O que levou a essa escolha?

Não tenho como explicar racionalmente essa escolha. Até hoje eu fico me perguntando. Alguma coisa naquele lugar era mágico. Eu falei: “Quero estudar aqui”.

Como era sua relação com o Colégio Etapa, com o estudo todos os dias?

Eu gosto muito de estudar, mas preciso de estímulo. Aqui tinha prova todo dia. Era uma coisa que me estimulava a estudar mais.

Como foi seu estudo no colégio do 1º ao 3º ano?

No 1º e no 2º ano, eu estudei até mais do que deveria, mas isso me deu uma base melhor para o 3º ano. Eu prestei no 1º e no 2º ano para todas as faculdades que prestei no 3º e eu via em que matérias estava pior. No 3º ano, não mudei o ritmo de estudo, mas o meu foco principal foi nessas matérias, que eram Física e Matemática.

Você participou de atividades extracurriculares no colégio?

Fiz Estudos Humanísticos e tentei fazer as aulas de preparação para olimpíadas. Também fiz natação até entrar na faculdade, e piano desde o 1º ano. Particpei aqui da gincana tocando piano. Larguei o piano no ano passado, ao entrar no Internato na Pinheiros.

Qual foi a importância de você fazer essas atividades durante o Ensino Médio?

Diversificar o ambiente de estudos faz muito bem. Meu estudo rendia muito mais.

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1

CONTO

O macaco azul – Aluísio Azevedo

4

PARA PENSAR

Dourar a pílula

7

MAS, MÁ, MAIS

[E OUTRAS QUESTÕES GRAMATICAIS]

Avisar

3

ARTIGO

Motores da epidemia de obesidade no Brasil

6

TESTE SEU VOCABULÁRIO

8

Como foi sair do Colégio Etapa para a Pinheiros?

É completamente diferente ser aluno de colégio e ser aluno de faculdade. A rotina de ir para a Cidade Universitária foi muito difícil. Acho que o 1º semestre inteiro para mim foi só tentar entender como funciona a faculdade. Mas depois você vai pegando a mão.

Em linhas gerais, o que você estudou em cada ano na faculdade?

O curso é dividido de dois em dois anos. Nos primeiros dois anos você tem todas as Anatomias, todas as Fisiologias, tem Bioquímica, tem Biologia Molecular, tem algumas aulas de introdução à Medicina – princípios de Enfermagem, Propedêutica, que são as aulas em que você põe a mão no doente.

Começa assim logo no 1º ano?

Não. Começava no fim do 2º semestre do 2º ano e ia até o fim do 3º ano. Aí você entra no ciclo clínico, que tem todas as propedêuticas, que tem todas as específicas, inclusive de Cardiologia e Pneumologia. Começa o contato com a cirurgia. No 4º ano, que hoje eles chamam de pré-Internato, a gente tem Clínica, Cirurgia, Infectologia e um bloco de várias especialidades: Psiquiatria, Pediatria, Obstetrícia, Neurologia, Ginecologia.

Hoje seu Internato é em Clínica. Quando você entrou na Pinheiros era essa sua ideia?

Não. Eu gostava muito da área Química e da Propedêutica, que não é uma parte muito clínica. Aí, no 4º ano, você passa a metade de um semestre por Clínica. E eu gostei muito do curso. No 5º ano, a gente passa de novo por Clínica. Gostei muito de novo. Estou agora novamente passando por Clínica e amando o curso.

Você chegou a fazer atividades paralelas na Pinheiros?

Fiz muitas ligas desde o 1º ano. Comecei com a Liga de Sífilis, fiz Liga da Hipertensão, da UTI, Emergências Clínicas. Fiz Liga de Geriatria, que foi minha grande paixão na faculdade. Cheguei a fazer três ligas ao mesmo tempo.

Como era a atividade dos alunos nas ligas?

Dependia da liga. Em todas que eu fiz era atendimento ambulatorial de pacientes no HC, com supervisão de um médico. Na Liga da Depressão, por exemplo, a gente fazia uma entrevista com o paciente e ia discutir o caso com o professor, a conduta naquele caso. Acaba que a gente vira o médico do paciente, mesmo não tendo poder para tomar uma decisão. Isso é muito legal nas ligas.

O que mais você fez na faculdade?

Eu fui do Centro Acadêmico do final do 1º ano até o final do 2º. No 3º ano, fui do Departamento Científico. Era a parte de organização de cursos e de congressos. Fora da faculdade, fui tutora no Etapa do 1º ao 4º ano. Eu vinha duas vezes por semana, no máximo. Fui tutora de um monte de gente que agora está na faculdade.

O Internato na Pinheiros é no 5º e no 6º ano do curso. Qual é a diferença entre o Internato e o que fez nos outros anos?

No Internato você atende o paciente. Pega tudo o que aprendeu nos primeiros quatro anos e coloca isso na vida de uma pessoa. O Internato é a descoberta de coisas novas todos os dias. Para alguém que nem eu, que gosta de estudar, é o maior incentivo ter uma pessoa na sua frente que precisa de sua ajuda. A gente precisa de estímulo para ser mais. O meu estímulo no Etapa para ser mais eram as provas diárias. Agora na faculdade, são as pessoas. Alguém depende de você, alguém depende da sua proatividade. É muito legal.

Os plantões começam quando?

Os plantões começam no Internato. Tem estágios sem plantão, são laboratoriais, como Dermatologia e Reumatologia. Meu primeiro estágio no Internato foi no pronto-socorro da Pediatria, 12 horas lá.

No Hospital das Clínicas?

No Hospital Universitário. Passei três estágios no HU e depois vim para o HC.

Você fez algum estágio fora do HC e do HU?

Sim, em Atenção Primária à Saúde, no 5º ano, a gente atende pacientes em UBS. Fazemos consultas e visitas domiciliares. Você é o médico.

No Internato, o que muda do 5º para o 6º ano?

O 6º ano tem mais estágios de pronto-socorro. Todos os prontos-socorros, menos Pediatria do HU, são no 6º ano. Tem pronto-socorro de Pediatria de novo no 6º ano, só que com crianças que já têm doença prévia, que nasceram com ela. O 5º ano é mais de estágios ambulatoriais, mais de consultas, de pacientes que não são internados, não são de emergência. O ambiente de emergência é só no 6º ano. Na graduação, nosso único contato com a UTI é no 6º ano. E nos dois anos de Internato a gente passa por Obstetrícia, um deles em gravidez de baixo risco e o outro em gravidez de alto risco.

Nas ligas e nos plantões você teve contato com paciente que veio a falecer?

Várias vezes.

Como foi na primeira vez?

A primeira vez que eu vi um paciente falecer foi na liga. Era um senhor que tinha câncer já com metástase. Ele estava tratando sua depressão com a gente e o câncer com outro médico. Ele faltou em uma consulta, achei estranho, ele nunca faltava. Liguei e aí tive a notícia. Fiquei muito tempo triste.

Hoje, em seu último ano na graduação, qual é sua maior preocupação?

Eu tenho preocupação com a Residência. Eu quero estudar para fazer a prova de Residência, mas não quero que esse

seja meu foco neste ano. Minha maior preocupação é continuar tirando o máximo possível dos estágios. Quero absorver o máximo possível. Os pacientes que eu vejo no dia a dia continuam sendo o maior estímulo para estudar.

Então você não está estudando para o exame de Residência?

Eu estou estudando, só não faço cursinho para Residência.

A prova de Residência é um outro vestibular?

É igual ao vestibular: 1ª fase, 2ª fase.

Quando é a prova?

A 1ª fase é em novembro. Pretendo prestar Hospital das Clínicas, porque é onde estou em casa. E acho que vou prestar Hospital São Paulo também. Cada faculdade faz sua prova num dia. Se você é selecionado, tem uma prova prática e uma entrevista. A prova prática é igual para todos, a entrevista é diferente. Eles até analisam o currículo, isso conta também.

São quantos anos de Residência?

Para Clínica, dois anos. E mais dois anos para as especialidades clínicas: Cardiologia, Pneumologia, Geriatria, Neurologia. Todas as "logias" são feitas depois que você completa os estudos de Clínica.

Você já tem ideia da especialidade que vai seguir?

Eu gosto da Geriatria, mas não sei se vou gostar daqui a dois anos. Não vou fechar. Eu tive muito contato com Geriatria durante a faculdade, por causa da liga, e não tive tanto contato assim com outras áreas. Vamos ver se realmente eu não gosto das outras ou se não tive contato suficiente para gostar.

Alguma matéria do colégio foi mais importante para você na faculdade?

Várias. Por exemplo, Geografia. As bases de uma parte da Medicina são a Epidemiologia e os estudos de população. Geografia ajudou muito nessa parte de estudo. De Matemática, óbvio que a gente não pode fugir. Nos Estudos Humanísticos, o primeiro tema foi Mitologia greco-romana. A gente fez exercícios de comparar mitologias, de pensar como as religiões se formam, se estruturam em ambientes específicos. A gente estudou Freud, não só na parte de Psiquiatria, mas como um todo. E muito do problema da Medicina é na parte de comunicação. Os professores falam que 80% do diagnóstico é feito em anamnese e exame físico. Conversar com o paciente

é às vezes difícil por barreiras de linguagem. Eu apliquei muito do que aprendi nos Estudos Humanísticos. O que o paciente está falando para mim, o que seus símbolos representam na minha linguagem? Como traduzir o que ele fala para minha linguagem e, mais importante, como traduzir isso de volta.

Pode dar um exemplo?

Lembro de um paciente que eu atendi num posto de saúde, ele era mecânico e tinha infartado. Eu pensei: "Como é que vou explicar que ele tem que tomar um monte de remédios? Nunca tomou remédio nenhum na vida". Aí eu expliquei de uma forma meio mecânica: o coração é uma bomba, tem canos – e ele entendeu. Que bom que ele entendeu. Tratando os pacientes, independentemente de quem sejam, você tem que fazer esse exercício de transposição de símbolos. Estudos Humanísticos foi sensacional para mim, muito bom.

Você ainda tem amigos do colégio?

A gente era em dez, nove fazem Medicina, um se formou em Engenharia no ano passado e acabou se afastando porque foi morar fora do país. Esse grupo se encontra, mas nem sempre, porque um mora em Porto Alegre, outros em Botucatu, é um pouco difícil, mas a gente se fala bastante, se vê na internet quase sempre. E nos encontramos uma vez por ano nas competições. Eu vou para assistir, porque não jogo nada, e para encontrar esses amigos. Outros do colégio eu encontro, uma amiga que faz Direito e amigos de outras áreas também. Converso ainda com bastante gente.

Que recordações você tem de sua época no Etapa?

Tenho muito boas lembranças de sair com os amigos do colégio, das gincanas. Toquei piano na última gincana, ganhei. Lembro mais disso.

O que você pode dizer a quem vai encarar o vestibular para Medicina no final do ano?

É preciso ter muito firme na cabeça o que se quer. Qual é o seu sonho – por quê. No começo da faculdade eu não sabia por que queria Medicina. Hoje eu acho que estou no lugar certo, e essa é uma sensação muito legal. O concurso é difícil, mas não é o fim do mundo. Tem pessoas da minha turma que falaram que foi bom terem feito um ano, dois anos de cursinho porque entraram com mais idade. Eu entrei mais nova e senti isso. Medicina é um caminho difícil, mas se esse é o seu sonho, você vai virar a pessoa que quer ser.

MAS, MÁ, MAIS

[E OUTRAS QUESTÕES GRAMATICAIS]

Avisar

A construção mais corrente deste verbo é **avisar alguém de alguma coisa** (objeto direto de pessoa e indireto de coisa com a preposição **de**).
Ex: Avisei os alunos de que a prova seria adiada.